

A IMPORTÂNCIA SOCIAL DA GEOGRAFIA E SEU ENSINO PARA AS TURMAS DE ACELERAÇÃO DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS ATIVAS

Márcia Cristina Palmar de Rezende ¹

INTRODUÇÃO

Para que a Geografia faça sentido para os jovens, especialmente aqueles presentes nos grupos de aceleração de aprendizagem, primeiro é preciso refletir sobre o ensino em sala de aula. A escola nos moldes tradicionais é capaz de desenvolver o pensamento geográfico de forma significativa? A resposta é quase unânime: não! Como afirma Marino (2018), no contexto em que vivemos, a escola precisa se afastar da prática tradicional de transmissão de conteúdos para poder assumir o papel de “fomentadora de autonomias” (p.27). Cavalcanti (2019) ressalta que essas práticas tradicionais, que são muito comuns na Geografia, “não apenas comprometem a relevância epistemológica da Geografia como também inibem sua relevância social” (p.99). Portanto, um dos desafios da Geografia escolar, segundo Cavalcanti (1998), é a busca por ensiná-la com significado para o aluno. Essa geografia transformadora demanda mudanças nas práticas que considerem as finalidades do ensino, tendo em vista um modelo centrado na formação integral do indivíduo e que esteja adaptada às necessidades educativas do estudante, sempre valendo-se de recursos variados. (ZABALA, 1998). Nesse contexto, é pertinente e necessária a reflexão a que se dedica esta pesquisa. Uma análise sobre a escola e o ensino de Geografia e um olhar sensível sobre os estudantes das turmas de aceleração e suas realidades, para que seja possível traçar novos rumos que norteiem profissionais a realizarem a retomada do percurso escolar destes jovens.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o ensino de Geografia para as classes de anos finais do programa de Aceleração de aprendizagem, contribuindo para possíveis estratégias baseadas nas metodologias ativas, com a utilização de recursos didáticos variados, na qual professores regentes possam elaborar aulas realmente significativas para estes grupos específicos. Nesta pesquisa, os principais questionamentos a serem levantados são: Como ensinar geografia para estudantes das classes de aceleração de

¹ Mestranda do Curso de Ensino de Geografia (PROFGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, commarciapalmar@gmail.com;

aprendizagem do ensino fundamental de forma significativa? Quais estratégias podem ser utilizadas em sala de aula para torná-la mais atrativa?

Para nortear estes e outras questões, serão utilizados referenciais de autores dedicados aos temas relacionados ao ensino de Geografia, tendo como principal autora Lana de Souza Cavalcanti, que desenvolve pesquisas sobre o assunto, além de formação de professores. Também será utilizado a autora Aldaíza Spozati ao tratar de políticas públicas, especificamente as políticas relacionadas aos programas de aceleração de aprendizagem. Por fim, são utilizados na pesquisa autores que se dedicam ao estudo das metodologias ativas e outros recursos pedagógicos, como Aliny Souza, Argicely Vilaça e Herbert Teixeira. Como resultado, esperamos traçar estratégias baseadas nessas metodologias ativas e em elementos visuais e concretos para serem utilizados em sala de aula com o intuito de motivar e potencializar o ensino de geografia nas classes de aceleração de aprendizagem.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de revisão de literatura e da pesquisa-ação. A partir de uma abordagem descritiva e da observação, leva-se em consideração nesta pesquisa a relação intrínseca entre o sujeito e o mundo real a partir da atribuição de fenômenos e a concessão de significados, identificando as necessidades e interesses do objeto de estudo no intuito de resolver o problema exposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que os estudantes sejam envolvidos pelo conhecimento geográfico, devemos pensar nos caminhos que o professor pode estabelecer até eles. Para isso, faz-se necessário compreender o perfil do público-alvo. As turmas de aceleração foram criadas com o objetivo de corrigir a distorção no fluxo escolar de jovens que, por diversos motivos, não conseguiram acompanhar a faixa etária regular. O fato é que esses altos índices de repetência e evasão são frutos de um sistema escolar elitista, pouco democrático e de uma sociedade desigual. Nesse sentido, a educação teria um caráter reparador. De acordo com Spozati (2000), “o processo educativo deve caminhar estrategicamente vinculado aos princípios de equidade” de forma a construir uma sociedade que respeite a diversidade.

Essa equidade, segundo a autora, está diretamente atrelada ao rompimento da segregação do acesso das classes populares à riqueza social, em um processo que Spozati denomina “educação indenizatória”, no qual programas de correção de fluxo escolar configuram um processo de reparação e reinclusão daqueles que se encontravam defasados. Na prática, a superação dessa defasagem apresenta-se como um grande desafio. Para grande parte dos estudantes das classes de aceleração, a dificuldade na leitura e escrita são os maiores entraves e estes não serão resolvidos de forma simples. Portanto, é preciso buscar outras estratégias de comunicação que ultrapassem essas barreiras. A forma da Geografia se comunicar não precisa passar obrigatoriamente pela leitura e escrita. Para esses alunos, as ferramentas visuais e as experimentações concretas podem ser muito mais atrativas. Portanto, recorreremos às metodologias ativas e aos elementos visuais e concretos, com o intuito de tornar o ensino atrativo e direcionado aos grupos de aceleração.

A principal finalidade da metodologia ativa é de fazer com que os estudantes produzam conhecimento por meio de desafios e solução de problemas (Souza; Villaça; Teixeira, 2020). A seguir, descrevo algumas atividades baseadas nesta proposta.

- Aprendizagem baseada em problemas / projetos (ABP) – a ABP busca soluções para problemas reais ou hipotéticos relacionados à vivência do aluno. A partir dela, várias habilidades podem ser desenvolvidas, como aprendizagem autônoma, trabalho em equipe, melhor adaptação a mudanças, pensamento crítico e criativo, compromisso com o aprendizado, entre outros (Ribeiro, 2008).
- Atividades lúdicas - a utilização de jogos em sala de aula permite que o aluno desperte a curiosidade pelo conhecimento e o construa de forma prazerosa. O jogo é um recurso que facilita a aprendizagem, uma vez que torna a aprendizagem mais atrativa e dinâmica (Grando, 2004), sendo um suporte metodológico importante. No cenário tecnológico em que vivemos, vale destacar as possibilidades dos jogos digitais – a gamificação – como recurso complementar importante. Estes, em geral, são mais dinâmicos e desenvolvem habilidades de pensamento de ordem superior, como pensamento estratégico, análise interpretativa, criatividade, foco, resolução de problemas, entre outras, que são ideais para o desenvolvimento escolar (Klopfer et al., 2009).
- Recursos visuais - tratamos aqui não de uma metodologia, mas de recursos que podem ser utilizados para dar suporte à mesma. Neles estão inseridas as imagens (mapa, fotografia), vídeos e obras fílmicas. O mundo contemporâneo está marcado pelos avanços tecnológicos, de comunicação e informacionais (Libâneo, 1998), portanto, a utilização desses recursos tornou-se fundamental para o ensino de geografia.

- Aulas-passeio (excursões) e trabalhos de campo: essas práticas colocam-se como propostas concretas nas aulas de geografia do ensino fundamental, dialogando entre o que é ensinado e a vida real. As atividades fora da escola são motivadoras e permitem reunir diversas informações – físicas, culturais, históricas e ambientais, além de permitir reflexões sobre situações observadas (Silva e Coutinho, 2019).

Devemos então abandonar a leitura e a escrita diante das dificuldades apresentadas pelos estudantes das turmas de aceleração? De forma alguma, pelo contrário, o ensino de Geografia pode e deve auxiliar na instrumentalização do desenvolvimento dessas habilidades, através da reflexão escrita e dos textos que devem embasar as aulas. Mesmo que em pequenos passos, através da Geografia podemos ensinar a ler, interpretar e escrever para um melhor posicionamento na sociedade. Porém, tornar essas habilidades o único caminho para chegar ao conhecimento pode tornar as aulas desmotivadoras, visto que é mais uma barreira que os alunos de aceleração devem transpor para aprender. Para que a aprendizagem seja eficaz, é preciso um olhar atento do docente e, acima de tudo, estabelecer um diálogo sincero com o estudante, dar-lhe voz para que reflitam sobre suas existências (Kaercher, 2014).

Para as turmas de aceleração de aprendizagem em específico, entendo que este deve ser o caminho a ser seguido. Os desafios enfrentados por esses estudantes requerem uma abordagem pedagógica na qual o conhecimento geográfico atravesse-os e faça sentido. Nessa perspectiva, faz-se necessário dar mais dinamismo e protagonismo aos estudantes nas aulas, valorizando seus saberes socialmente construídos. Dentro dessa perspectiva, é preciso que as metodologias de ensino de Geografia nas turmas de aceleração possuam um viés social transformador concreto. Para Marino (2018), as práticas docentes devem ser direcionadas para o “desenvolvimento permanente da capacidade de resolução de problemas e de intervenção social, envolvendo saberes “socialmente referenciados e comunitários” (p.27). Buscar a reflexão crítica a partir de situações tangíveis a serem resolvidas valoriza o cotidiano do aluno e auxilia no desenvolvimento do pensar geográfico. Mizukami (1985) afirma que “quanto mais ele (o sujeito) reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la”. Como afirma Kaercher (2014), “remeter o aluno a pensar sua condição concreta, material hoje, é uma forma de conciliar a geografia do cotidiano deles com as categorias espaciais que estão nos livros didáticos e que deveriam estar sendo discutidas a partir de conteúdos formais de nossa disciplina” (p.157). Essa aproximação do aluno em relação aos raciocínios espaciais

através do cotidiano, segundo o autor, evita que se corra o risco da Geografia não se comunicar com o aluno, e que, assim, não se perceba onde ela é necessária. É preciso que a Geografia chegue às mentes e aos corações dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar nesta pesquisa a necessidade de repensarmos a escola e as estratégias de ensino, uma vez que o modelo tradicional não se mostra eficaz aos estudantes, e também de refletirmos sobre a relevância social do ensino de geografia para os jovens, particularmente daqueles pertencentes às turmas de aceleração de aprendizagem do segundo segmento do ensino fundamental, no qual o desenvolvimento do pensamento geográfico se apresenta como uma importante estratégia para ampliação do olhar sobre a realidade, de aguçamento da criticidade e da reflexão sobre o mundo. Para que obtenhamos um trabalho significativo nas turmas de correção de fluxo, sem entrarmos no mérito da política pública, mas pensando no estudante e em como melhor ensiná-lo, faz-se necessário estabelecer um maior dinamismo na aprendizagem e protagonismo aos jovens na sala de aula, adaptando as aulas de acordo com suas especificidades e valorizando seus saberes socialmente construídos. Nessa perspectiva, as metodologias ativas, com a utilização de recursos visuais e lúdicos, podem contribuir substancialmente, tornando as aulas mais atrativas e baseadas na realidade e nos interesses dos mesmos. Portanto, a partir da consolidação dessa aprendizagem, mediada pelo professor, é possível motivá-los a darem continuidade aos estudos, ampliando suas perspectivas e suas permanências na escola, assim como formar cidadãos conscientes, críticos e atuantes na sociedade.

Palavras-chave: Ensino Fundamental, geografia escolar, práticas de ensino, aceleração de aprendizagem, metodologias ativas.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Pensar pela geografia: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2019.

GRANDO, Regina Célia. O jogo e a matemática no contexto da sala de aula. São Paulo: Paulos, 2004.

KAERCHER, Nestor André. De astronautas e extraterrestres: de partos e gregos...todos nós entendemos um pouco. Em busca da Geografia do Já é!. In: MARTINS, Rosa Elizabete Militz Wypoczynki, TONINI, Ivaine Maria e GOULART, Ligia Beatriz. Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

KLOPFER, E. et al. Using the technology of today, in the classroom today: the instructional power of digital games, social networking, and simulations, and how teachers can leverage them. Massachusetts: MIT, 2009. Disponível em: <http://education.mit.edu/papers/GamesSimsSocNets_EdArcade.pdf>.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MARINO, Leonardo. A falência do modelo escolar tradicional e a necessária construção de uma educação integral e comunitária. Giramundo, Rio de Janeiro. V. 5, N. 10, p. 19-30, jul / dez. 2018.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti, Ensino, as abordagens do processo. São Paulo, EPU, 1986.

RIBEIRO, Luis Roberto C. Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL): uma experiência no ensino superior. 1. ed. São Carlos, EduUFSCar, 2008.

SOUZA, Aliny Leda de Azevedo Souza; VILAÇA, Argicely Leda de Azevedo e TEIXEIRA, Herbert José Balieiro. Os benefícios da metodologia ativa de aprendizagem na educação. In: Metodologias ativas: métodos e práticas para o século XXI. Gercimar Cabral Costa (org.). Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2020.

SPOZATI, Aldáza. Exclusão Social e Fracasso Escolar. Em Aberto, Brasília, v.17, n.71, p. 21-32, jan. 2000.

SILVA, Enoc José; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. A excursão geográfica como recurso didático no ensino de geografia. Brazilian Journal of Development, v. 5, n. 12, p. 31667-31675, 2019. SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em geografia. GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 64- 68, 2002.

ZABALA, A. A prática educativa – como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998, reimpressão: 2008.